

## Fazendeiro promove limpeza de índios para garantir terra em Rondônia

O fazendeiro Hércules Gouveia Dalafini, proprietário da fazenda Modelo, localizada no município de Chupinguaia, sul de Rondônia, mandou afugentar à bala um grupo de índios isolados cuja aldeia se localizava em suas terras. Em seguida, ordenou que fossem mascarados todos os vestígios existentes de ocupação indígena no local. A agressão com armas de fogo consta do relatório encaminhado pelo chefe da Frente de Contato Guaporé da Funai, indigenista Marcelo dos Santos, ao procurador da República em Porto Velho, Francisco Marinho.

No documento dirigido ao Ministério Público Federal, o indigenista relata que Gouveia Dalafini inicialmente “não permitiu o ingresso da Funai na fazenda, e depois quis condicioná-lo ao acompanhamento de funcionários”. Marcelo afirma também ter constatado que o fazendeiro “determinou que fosse derrubada a mata onde sabia da existência de uma maloca indígena ocupada”. Tal derrubada, explicou o sertanista, foi “efetuada fora de época”, o que levantou suspeitas quanto à sua intenção de afastar os índios.

Vários depoimentos confirmam que o fazendeiro contratou um empreiteiro para realizar o desmatamento em janeiro, época de chuvas na região. Segundo relatos, o empreiteiro entrou na aldeia atirando, desmanchou e queimou a maloca, destruiu e consumiu a roça de milho e de abóbora. Na ocasião, três índios, nus e cabeludos, foram afugentados e perseguidos por toda a extensão das matas da propriedade.

“Como V. Excia. pode verificar, estamos novamente diante de uma situação-limite, onde os índios isolados vêm sendo alvo de todos os tipos de violência por parte daqueles que, na sua ganância infinita por terra, se esquecem dos mais elementares direitos constitucionais”, disse Marcelo. Ele também denunciou que Gouveia Dalafini tentou recorrer à Polícia Militar para “apreender o material de trabalho da Funai”.

A Funai desmascarou as intenções do proprietário da Fazenda Modelo no dia 13 de setembro, depois que a passagem de um trator de esteira para apagar os vestígios da ocupação indígena acabou poupando os restos de uma roça de milho e mamão, bem como sinais de uma maloca mais antiga.

### Uma tradição de violência

Agressões de pecuaristas e madeireiros contra grupos indígenas isolados dos municípios de Corumbiara e Chupinguaia vêm se repetindo há mais de dez anos. Em 1984, madeireiros na serraria Chupinguaia, localizada na fazenda Ivipitã, comunicaram à Funai que haviam topado com índios que dispararam flechas contra os tratores. Em 1985, na mesma fazenda foram identificadas pequenas roças e malocas de um grupo isolado e composto de cerca de 25 índios. Naquele ano, Marcelo dos Santos descobriu e denunciou evidências de um possível massacre de índios na fazenda pertencente a Junqueira Vilela. Segundo o indigenista, cápsulas de balas e um trator de esteira para “concluir o serviço” marcavam o cenário da destruição. O caso não mereceu, porém, sequer a abertura de um inquérito oficial para apurar os fatos.

Em abril de 1986, a Funai interditou uma área de 60 mil hectares por nove meses, período em que os pecuaristas continuaram derrubando matas livremente, dificultando as buscas da Funai. Ao constatar, porém, que os índios não se encontravam mais naquele momento na fazenda Ivipitã, a Funai suspendeu as buscas e a interdição da área. Marcelo dos Santos prosseguiu com suas investigações. Visitou várias vezes a região, colecionando numerosas referências aos índios por parte de trabalhadores locais. A partir de 1994, na condição de chefe da equipe do Departamento de Índios Isolados em Rondônia, passou a sistematizar as buscas.

Resultado: em 3 de setembro do ano passado, a Funai finalmente localizou os primeiros dois índios Kanoê no igarapé Omerê, não distante das fazendas São Sebastião de Antenor Duarte e Olga de Alceu Feldman, nas vizinhanças da fazenda Modelo.

Acionada pelo Ministério Público, a Justiça Federal em Porto Velho já havia garantido um mandado de busca nas fazendas para as equipes da Funai. Expediu, então, liminar interditando uma área de 50 mil hectares, com o objetivo de proteger esses índios. O mês de outubro consolidou o contato com os Kanoê e outros sete índios da família Tupari. A interdição judicial foi ratificada posteriormente pelo Executivo através da Funai.

Em maio último, o cinegrafista Vincent Carelli, que acompanha o caso há dez anos, colheu, junto aos Tupari, depoimento que confirmava a ocorrência de um ataque a bala, durante o qual foram mortos dez índios. Integrantes da comunidade apresentavam sinais visíveis de perturbação psicológica.

Levantamentos realizados pela Funai dão conta de que os Kanoê já foram expulsos pelo menos duas vezes de terras do fazendeiro Almir Lando, na margem esquerda do Omerê. As provas descobertas na semana passada nas fazendas Modelo e Bagatoli levam a crer que se trate de um terceiro grupo indígena com características distintas dos demais: eles cavam buracos fundos no meio de suas malocas – que, presume-se, sirvam de refúgio – e marcam as árvores em volta de suas aldeias.

A descoberta dos dois primeiros grupos, no final do ano passado, e a interdição de parte de algumas fazendas da região levaram o fazendeiro Hércules Gouveia Dalafini a tentar mascarar os vestígios da presença indígena em sua fazenda. Os três índios que viviam no local encontram-se foragidos nas matas e ainda não foram localizados pela Funai. Eles foram vistos pela última vez no final de julho por uma equipe de madeireiros.

Acuados e famintos, esses pequenos grupos indígenas isolados têm sido submetidos, nos últimos dez anos, a um sistemático extermínio por parte de pecuaristas cujo respaldo consiste em ter suas propriedades tituladas pelo Incra. Tais agressões merecem a imediata abertura de inquérito criminal para apurar fatos e responsabilidades e providências das autoridades para proteger os índios que devem ter buscado refúgio nas fazendas vizinhas.

São Paulo, 27/09/96

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Instituto Socioambiental